

SEXO E GÊNERO NAS TEORIAS FEMINISTAS: MAPEANDO E DISCUTINDO A FORMULAÇÃO DOS DOIS CONCEITOS NO CAMPO DOS ESTUDOS FEMINISTAS

Maria Fernanda Villares Frago^{1*}, Plínio de Almeida Maciel Junior²

1. Estudante do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)
2. Pesquisador do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento Humano da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Resumo

A pesquisa teve como objetivo mapear e discutir como os conceitos de "gênero" e "sexo" vêm sendo apresentados no campo teórico interdisciplinar dos estudos feministas. Diante disso, visou refletir quais impactos essa discussão pode provocar no âmbito da produção de conhecimento da Psicologia. O estudo justifica-se pela necessidade em continuar e aprofundar as discussões propostas, buscando compreendê-las em sua amplitude e pluralidade. A pesquisa caracteriza-se como teórica qualitativa e exploratória, utilizando o método da revisão bibliográfica de escopo. Os resultados traçam um percurso epistemológico dos debates feministas às implicações na Psicologia, afirmando a importância em manter os estudos de gênero, sexo e sexualidade correlacionadas à interseccionalidade das opressões, ao comprometimento com a descolonização do pensamento e a reformulação das bases epistemológico-práticas em Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia; Sexualidade; Interseccionalidade.

Apoio financeiro: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC-CNPq).

Trabalho selecionado para a JNIC: PUCSP.

Introdução

A respeito dos estudos sobre "gênero" e "sexo", por um lado, é possível reconhecer a importância de sua continuidade no interior das produções acadêmicas feministas, considerando sua amplitude e pluralidade. Por outro lado, se percebe a demanda em aproximar estas discussões às produções acadêmicas em Psicologia, que, atualmente, parecem padecer de um uso crítico dos conceitos de gênero e sexo em suas abordagens principais e pressupostos fundamentais. Há, por assim dizer, uma emergência na reformulação de suas convenções teórico-práticas em um novo acordo com os estudos contemporâneos da produção feminista.

Com este fim, essa pesquisa teve como objetivo mapear os diferentes modos pelos quais os conceitos de "sexo" e "gênero" vêm sendo formulados e discutidos no âmbito da produção teórica dos estudos interdisciplinares feministas, campo de estudos que forjou o conceito de gênero. Para mais, tentou em refletir que impactos essa discussão provoca no âmbito da produção do conhecimento da Psicologia.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma investigação científica no âmbito da pesquisa teórica qualitativa e exploratória, e o método utilizado foi o da revisão bibliográfica de escopo, conforme explicitado no projeto mais amplo. As revisões de escopo podem ser usadas para mapear os principais conceitos que sustentam um campo de pesquisa, para esclarecer as definições de trabalho e ainda os limites conceituais de um tópico. Elas fornecem uma visão geral ou um "mapa das evidências". Devido a isso, no procedimento de uma revisão de escopo geralmente não se realiza uma avaliação das limitações metodológicas ou dos vieses das evidências nela incluídos [1].

Foi realizado o levantamento bibliográfico através dos recursos de pesquisa disponíveis na Biblioteca da PUC-SP (artigos, livros, e remotamente no acervo da biblioteca), nos periódicos online e plataformas digitais como "Scielo" e "Google Acadêmico" que reúnem uma série de revistas acadêmicas.

Os critérios de seleção dos artigos e livros para as primeiras sessões: "O Sistema sexo/gênero"; "A interseccionalidade das opressões"; "Estudos *queer*, a Contrassexualidade e feministas contemporâneas", foi pelo livro de Hollanda [2], escritora e ensaísta brasileira, que reúne algumas das referências clássicas e contemporâneas no assunto. Foram selecionados apenas os artigos escritos pelas próprias autoras com traduções para a língua portuguesa, excluindo artigos que não eram autorais. As palavras-chave utilizadas foram: "Scott"; "Wittig"; "Anzaldúa"; "Gonzalez"; "Collins"; "Lugones"; "De Lauretis"; "Butler"; "Preciado"; "Haraway"; "gênero"; "sexo". Buscou-se o cruzamento com as palavras-chave "gênero" e "sexo", visando selecionar artigos das autoras sobre estes assuntos especificamente.

Na sessão seguinte: "Para além dos ocidentalismos...", o levantamento foi realizado nas questões de gênero e sexo voltadas às populações indígenas e ao ponto de vista antropológico. Foram utilizadas as palavras-chave: "gênero"; "sexo"; "antropologia"; "etnografia"; "povos indígenas". Os artigos escolhidos foram os de revisão bibliográfica que traziam exemplos etnográficos de populações indígenas e sua pluralidade de compreensões a respeito de gênero e sexo para uma breve apresentação do tema.

Para a última sessão, “Impactos na Psicologia”, o levantamento foi realizado com base em uma revisão de literatura entre os anos de 2010 e 2020 nas plataformas de busca com as palavras-chave: “gênero”; “sexo”; “impactos”; “psicologia”; “sexualidade”; “psicologia social”; “interseccionalidade”; “feminismo”. A intenção de artigos neste período histórico deve-se a uma preocupação em captar as transformações que ocorreram nas produções teóricas em Psicologia a este respeito.

Resultados e Discussão

O sistema sexo/gênero de Gayle Rubin [3] que buscava compreender o caráter distintivo e originário das opressões femininas foi apresentado juntamente à discussão da teórica Monique Wittig [4] sobre a desconstrução da naturalidade social da categoria mulheres. A historiadora Joan Scott [5] também traz novas contribuições e críticas argumentando a favor de uma nova história, uma nova narrativa construída a partir do ponto de vista das mulheres como importante para a reconstrução do sistema vigente. Por fim, Judith Butler [6] é trazida em nome de sua elaboração a respeito das normas reguladoras em seu caráter produtor e reprodutor das categorias de gênero na sociedade ocidental.

Na sessão a respeito da interseccionalidade das opressões (gênero, raça e classe) foram apresentadas as autoras Lélia Gonzalez [7] e Glória Anzaldúa [8], a partir das quais a crítica das categorias homem/mulher é mais firmemente estabelecida, assim como a proposta da interseccionalidade das opressões (raça, gênero e classe). Patrícia Hill Collins [9] destaca a importância em reconhecer as produções de mulheres não brancas para que as pesquisas acadêmicas sejam revistas, indicando que o ponto de vista do feminismo negro, em relação à interseccionalidade, deve ser prioritário na agenda feminista, reformulando-a. Por fim, Maria Lugones [10] estabelece relações entre a colonialidade e o gênero, demonstrando os problemas estruturais relacionados às denominações categoriais e indicando o lócus fraturado como possibilidade de contradição em meio a uma operação masculina, branca, racista e hegemônica.

Sobre os Estudos *queer*, a Contrassexualidade e as feministas contemporâneas, inicia-se com Gayle Rubin [11]. Em seu segundo ensaio, a autora enfatiza a necessidade de pensar o sexo, a perseguição e opressão sexual na arena política destacando algumas formações ideológicas a respeito da construção sexual nas sociedades ocidentais. Em seguida é dissertada Teresa De Lauretis [12] com sua nova definição do conceito de gênero a partir das quatro proposições: (1) gênero é (uma) representação; (2) a representação do gênero é a sua construção; (3) a construção do gênero vem se efetuando hoje; (4) a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução. Donna Haraway [13] em sua proposta inovadora de como devem se estabelecer a objetividade feminista e os saberes localizados e corporificados. As contribuições de Butler [14] ao sujeito “pós-moderno” e suas implicações nos debates feministas. No segundo artigo, Butler [15] destaca as principais noções de sua obra: performatividade de gênero e o sexo enquanto categoria descritiva e normalizadora, que busca qualificar um corpo e torná-lo viável e reconhecível no interior da inteligibilidade cultural. O terceiro artigo de Butler [16] convoca uma discussão política a respeito da discussão do casamento gay enquanto legitimado, validado e regulamentado pelo Estado. No último artigo, Butler [17] é trazida em nome de sua elaboração a respeito da despatologização da transexualidade nos termos de criticar a linguagem diagnóstica.

O autor Paul B. Preciado [18] é elencado para conduzir a discussão da Contrassexualidade em uma análise crítica da diferença sexual, da heterossexualidade e das performatividades inscritas como verdades biológicas sobre o corpo. Lugones [19] é escolhida para encerrar a sessão e elaborar a investigação do sistema moderno-colonial de gênero, entendendo seus instrumentos e o modo de funcionamento, bem como suas implicações destrutivas à população não-branca.

Na sessão “Para além dos ocidentalismos...” Marilyn Strathern [20] conduz sua discussão na exposição dos paradigmas construcionistas, que estavam em vigor no feminismo dos anos de 1980, com o objetivo de denunciar seu caráter ocidental de concepção. Luisa Elvira Belaunde [21] elenca os estudos etnográficos que discutem a sexualidade de dois modos: em primeiro lugar, abrange a sexualidade entre os povos indígenas das terras baixas da América do Sul e, em segundo lugar, traça como a sexualidade vem sendo debatida no campo da etnografia. No dossiê escrito por Matos, dos Santos e Belaunde [22] pretende-se trazer as diferentes abordagens e questões de gênero, abarcadas pela multiplicidade de povos pertencentes à Amazônia brasileira, em um diálogo com a antropologia. As etnografias do dossiê têm como intenção debater a agência feminina, isto é, a contribuição das mulheres indígenas nas aldeias e as discussões entre gênero e perspectivismo ameríndio.

Na sessão sobre os Impactos na Psicologia, trata-se primeiramente das críticas à psicanálise estabelecidas por De Lauretis [12] e Butler [6], entendendo que a psicanálise geralmente é convocada nos debates feministas para destacar um processo de reprodução da ideologia do binarismo dicotômico homem/mulher.

Na revisão bibliográfica sobre os impactos no âmbito da Psicologia em sua amplitude de abordagens, os artigos identificam inicialmente problemas nas teorizações do conceito de gênero que implicam encrencas às abordagens epistêmicas em Psicologia destacadas por Azerêdo [23]. Posteriormente, apareceram algumas relações entre os estudos *queer* e a abordagem da Psicologia Social Crítica que podem favorecer ambos os campos do conhecimento, como colocado por Borges [24]. Ao fim, aparecem debates relacionados à transsexualidade e à construção de uma psicologia que esteja aliada a um comprometimento ético-prático-político com os estudos de gênero, sexo e sexualidades, conforme apresentado por Cannone [25] e, também, a necessidade de inclusão da perspectiva interseccional (gênero, sexo, raça, classe e etnia) nas abordagens da Psicologia, por Carvalho, Souza e Macedo [26].

Conclusões

A dificuldade de concluir o que é ou a/para que serve nas diferentes sociedades os debates a respeito de “gênero” e “sexo”, bem como de “sexualidade”, vem ao encontro da necessidade de mantê-lo em uma constância paradigmática e contraditória na sua interdisciplinaridade de origem. Esta elasticidade múltipla que observamos na trajetória expositiva desta pesquisa nos revela tamanha fluidez de encontros e desencontros de perspectivas, que se expressa fundamental para entender estes temas em uma dimensão sociopolítico-cultural.

Os impactos nas abordagens em Psicologia são tremendos e, como testemunhamos, há uma imprescindibilidade em reformular suas categorias dicotômicas na base de seus procedimentos epistemológicos, metodológicos e práticos. Na passagem histórica do período de 2010 a 2020, o que era apenas colocado como formulação das mudanças que deveriam ocorrer, no ano de 2020 já indica mudanças no processo de despatologização das sexualidades e a construção de uma ética epistêmico-prática. Porém, estas transformações ainda não são suficientes para tamanha reparação com que a Psicologia deve se haver na relação com seu passado reprodutor de normas e adequação de sujeitos em uma lógica a que/quem estava a serviço: heteronormativa, colonial, moderna e capitalista. Como será que podemos reestruturá-la em sua base fundamental de existência? Faço-me essa mesma pergunta com relação a abordagens que sempre trataram destes conceitos, como, por exemplo, a psicanálise.

Sem mais delongas, sublinhamos a relevância de um olhar decolonializado, que nos permita de fato perceber outras sociedades, para que não corramos o risco de cristalizar nossas compreensões. Este olhar deve ser poroso a ponto de conseguirmos compreender os diferentes sujeitos a partir de suas perspectivas e de seus mundos múltiplos. Digo isso não só por uma possível queda de um narcisismo eurocentrado e autorreferente, mas principalmente pelo cuidado em não engendrar as formulações das feministas contemporâneas como a “nova verdade” do feminismo hegemônico. A permanência da diferença deve ser observada enquanto uma proposição política, e um direito de existência, principalmente em tempos como os que estamos vivendo – de despropositada aniquilação e desterritorialização dos povos indígenas ameríndios. Devemos advogar pela descolonização permanente do pensamento.

A conclusão desta pesquisa é, portanto, a sua incompletude de respostas, como um ato político. Proponho que mantenhamos as questões aqui colocadas em aberto, que suas respostas impliquem em novas perguntas. Se perpetuarmos um conceito em uma ideia fechada em si mesma, reivindicaremos a morte da produção de conhecimento. O movimento feminista é e deve continuar sendo uma proposição política, destinada a confrontar as formulações engendradas, e todo seu esforço deve estar voltado para a descolonização das existências que por tanto tempo permaneceram forçosamente escondidas e colonizadas. A Psicologia enquanto um campo do conhecimento que visa o cuidado à saúde e a compreensão das formas de vida, deve combater as categorias ocidentais e coloniais. Para isso, faz-se necessário adotar uma perspectiva interseccional (gênero, raça, classe e etnia) na construção e na condução de suas epistemologias e práticas, visando um compromisso ético com a multiplicidade e a alteridade.

Referências bibliográficas

- [1] TRICCO, A. C.; SOOBIAH, C.; ANTONY, J.; COGO, E.; MACDONALD, H.; LILLIE, E.; TRAN, J.; D'SOUZA, J.; HUI, W.; PERRIER, L.; WELCH, V.; HORSLEY, T.; STRAUS, S. E.; KASTNER, M. 'A scoping review identifies multiple emerging knowledge synthesis methods, but few studies operationalize the method', *Journal of Clinical Epidemiology*, n.73, p.19-28, 2016. Disponível em: <[https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356\(16\)00098-6/fulltext](https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356(16)00098-6/fulltext)>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- [2] HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Pensamento feminista – Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440p.
- [3] RUBIN, G. *O Tráfico de Mulheres* (1975). São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 8-61.
- [4] WITTIG, M. *Ninguém nasce mulher* (1981). (trad. livre sem autoria). Disponível em: <<https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-wittig>>. Acesso em: 10 set. 2020.
- [5] SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989). (Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, p. 1-35, 1991. Disponível em: <http://compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/JoanScott_Genero_umacategoriautil.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2020.
- [6] BUTLER, J. Regulações de gênero (2004). *Cadernos Pagu*, Campinas, n.24, p. 249-274, jan./jun., 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2020.
- [7] GONZALEZ, L. A categoria político cultural de amefricanidade (1988). *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.92/93, p.69-82, jan./jun., 1988. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>>. Acesso em: 24 de jan. de 2021.
- [8] ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência (1987). *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.3, p.704-709, set./dez., 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a15v13n3.pdf>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.
- [9] COLLINS, P. H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro (1988). *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.1, p.99-127, jan./abr., 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2021.

- [10] LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial (2010). *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.22, n.3, p.935-952, set./dez., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.
- [11] RUBIN, G. *Pensando o sexo - Notas para uma teoria radical da política de sexualidade* (1984). São Paulo: Ubu Editora, Argonautas, p.63-128, 2017.
- [12] DE LAURETIS, T. A Tecnologia do gênero (1987). In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Pensamento Feminista - Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.
- [13] HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial (1988). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- [14] BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo” (1990). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457/2381>>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- [15] BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo” (1993). In: LOURO, L. G. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166.
- [16] BUTLER, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual? (2002) *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 219-260, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/vSbQjDcCG6LCPbJScQNxw3D/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 16 mai. 2021.
- [17] BUTLER, J. Desdiagnosticando o gênero (2004). *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/Xg4SdtQL64jBYZgm9q4MyMH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- [18] PRECIADO, P. B. *Manifesto Contrassexual* (2000). São Paulo: n-1 edições, 2017, p. 21-168.
- [19] LUGONES, M. Colonialidade e gênero (2008). In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 73-101.
- [20] STRATHERN, M. Entre uma melanesianista e uma feminista (1992). *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 8, n. 9, p. 7-49, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1877/1998>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- [21] BELAUNDE, L. E. O estudo da sexualidade na etnologia. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 24, p. 399-411, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/116520/114137>>. Acesso em: 17 de jul. de 2021.
- [22] MATOS, B. A.; DOS SANTOS, J. O.; BELAUNDE, L. E. Corpo, terra, perspectiva: o gênero e suas transformações na etnologia. *Amazonica Revista de Antropologia*, Belém, v. 11, n. 2, p. 391-412, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/download/7957/5868>>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- [23] AZERÊDO, S. Encrencas de gênero nas teorizações em psicologia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(1): 288, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000100011/12395>>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.
- [24] BORGES, L. S. Feminismos, teoria *queer* e psicologia social crítica: (re)contando histórias... *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 2, p. 280-289, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/m4kPWvJPNcKk8L4gwGDQgpm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.
- [25] CANNONE, L. A. R. Historicizando a Transexualidade em Direção a uma Psicologia Comprometida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, n. spe 3, p. 21-34, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MgsxScRgNWtdkrmkptwDwBC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- [26] CARVALHO, A.; SOUZA, C.; MACEDO, J. P. Relações de Gênero e Étnico-Raciais nos Currículos de Psicologia: Aproximações e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 40, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/DnyMSGZXkjT5yKNBdFdfSFGx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.